

era  
uma  
vez  
um  
corredor



era  
uma  
vez  
um  
corredor  
JOHN L. PARKER JR.

TRADUÇÃO DE CLAUDIO FIGUEIREDO



Copyright © 1978, 1990 John L. Parker  
Originalmente publicado por Cedarwinds Publishing Company

TÍTULO ORIGINAL  
Once a Runner

CAPA  
Roberto de Vicq de Cumplich

PREPARAÇÃO  
Taís Monteiro  
Maíra Alves

REVISÃO  
Umberto Figueiredo Pinto  
Fatima Amendoeira Maciel

REVISÃO TÉCNICA  
Moacyr Dutra

DIAGRAMAÇÃO  
Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
P262e

Parker Junior, John L.

Era uma vez um corredor / John L. Parker, Jr; tradução  
Claudio Figueiredo. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

248p.

Tradução de: Once a runner

ISBN 978-85-8057-005-2

1. Romance americano. I. Figueiredo, Claudio.

II. Título.

10-3312.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2010]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

Este livro é dedicado a Jack Bachelier e Frank Shorter,  
velhos amigos, grandes corredores. Com afetuosa lembrança,  
de tantos Sacrifícios e de tantos Quilômetros, meus companheiros...



Como eu sabia que você tinha corrido uma milha em quatro minutos e meio na escola? Fácil. *Todo mundo* corre uma milha em quatro minutos e meio na escola.

— FRANK SHORTER, *CORRENDO POR AÍ*,  
POR VOLTA DE 1969



## I. ERA UMA VEZ...

Os que corriam à noite estavam lá fora, como de costume.

Mesmo com aquela luz fraca, o rapaz podia ver os vultos na pista, correndo lentamente, uma volta atrás da outra, na mais infinita das trilhas. Devia haver, ele sabia, mulheres gorduchas, de aparência decidida, avançando numa marcha pesada, enquanto os joelhos carnudos tremiam. De vez em quando, afastariam com um gesto enérgico os cabelos úmidos caídos sobre os olhos e sonhariam com determinados mestres de cerimônias sorridentes e cruéis: biquínis, o ato de cortar as fitas em inaugurações e coisas do tipo. E em seguida, é claro, com uma partida de tênis disputada com homens de dentes muito brancos, tangos apaixonantes à luz da lua.

Haveria ainda homens de idades e níveis de decadência variados, que talvez também remoessem fantasias secretas (será que se imaginavam uma espécie de Peter Snell,\* não fosse a gordura ou o medo que sentiam ao atingirem a velocidade na qual percorrem quatrocentos metros em noventa segundos?).

O rapaz se deteve por alguns momentos do lado de fora da grade, enquanto uma nuvem de mariposas atacava as lâmpadas do poste, e ele parecia estar sob um holofote obscurecido por sombras esvoaçantes. Ele adorava o início do outono em Panhandle, na Flórida. Em outros lugares, as folhas podiam estar rodopiando, mas ali a brisa quente do verão persistia. No calor úmido, contudo, havia já um leve indício, uma promessa distante, de um ar mais fresco pairando sobre a copa das árvores e perto das barbas-de-velho. O rapaz

---

\* O neozelandês Peter Snell conquistou três medalhas olímpicas de ouro: duas nos 800 metros (1960 e 1964) e uma nos 1.500 metros (1964). (*N. do T.*)

pegou sua pequena bolsa de viagem e atravessou o portão de entrada, caminhando pela pista no sentido horário, rumo às marcas de largada, no início da primeira curva. Os corredores ignoraram o estranho que vestia roupas comuns, assim como ele também não lhes deu nenhuma atenção. Eles sempre estariam por ali.

A área do salto em altura tinha sido reformada, foi construído um novo setor de arquibancada e instalaram um fosso com água para a corrida com obstáculos. Mas, em sua maior parte, a imagem era a mesma de quatro anos atrás, tão familiar quanto qualquer oval de quatrocentos metros para quem conhece cada centímetro das pistas de atletismo.

Mais uma vez, os torneios haviam terminado. O jovem sabia perfeitamente que, para ele, tinham acabado para sempre. Em alguns círculos, quatro anos é muito tempo; mas, contados em tempo real — tempo da vida efetiva como é o dos donos de lojas, dos vendedores de seguros, dos que vivem de capitalizar juros e assim por diante —, não o é, de modo algum. Em sua mente, contudo, o Tempo repousava em recipientes especiais; para ele, a passagem de um minuto assumia todo tipo de significado incomum. Um minuto queria dizer um quarto de uma corrida de uma milha em quatro minutos, uma pitada de sua vida cotidiana.

Como muitos outros, ele não tinha a menor ideia do que fazer agora, depois de tudo acabado. Pensar no que viria em seguida exigia tanto, era algo tão definitivo, uma catarse tão intensa, que a maioria dos corredores simplesmente nunca chegava a esse ponto. Eles deviam estar — supunha — espalhados ao redor do mundo, fazendo exatamente o mesmo que ele naquele momento: pensando sobre tudo o que havia acontecido, contabilizando perdas e ganhos.

Precisava retomar a vida normal e, ainda que não soubesse exatamente por quê, tinha de começar por retornar a esse lugar, por voltar ali, ao calor sufocante de Panhandle, exatamente à pista oval de quatrocentos metros que ainda guardava seu suor, seco havia já muito tempo. De volta a setembro, o mês das promessas.

Colocou a bolsa de viagem no chão, ao lado dos colchões do salto com vara, olhou para trás para se certificar de que não vinha ninguém pela pista e então caminhou até a linha de largada. “Meu Deus”, pensou, “mais uma vez nesta linha.”

Ele parou na raia número 1, ficou completamente imóvel, olhou para os sapatos (os corredores à sua volta lançavam olhares curiosos) e tentou evocar

os sentimentos. Depois de um momento, um vestígio de emoção chegou até ele, e então compreendeu que aquilo seria o máximo que conseguiria. “É possível lembrar”, disse a si mesmo, “mas não se pode reviver a experiência. Temos de nos contentar com as sombras.” Em seguida, pensou em como era na segunda e na terceira voltas, e decidiu que algumas vezes as sombras eram mais que suficientes.

Ele tinha vinte e seis anos, cinco meses e dois dias e, parado ali na largada, pensou que se sentia bem mais velho. Os músculos que se ondulavam, definidos, sob o tecido de suas calças só poderiam ser resultado, em termos biológicos, de muitos milhares de quilômetros mais do que ele gostaria de se dar o trabalho de calcular.

Tentou se concentrar nas emoções difusas, como um fotógrafo metafísico que mirasse nos contornos nítidos para centralizá-los no visor. O que estava sentindo? Nostalgia? Arrependimento? A mente se contraiu e ecoou a pergunta: “Estou amolecendo?”

Ele não sabia. Mais uma vez, se dava conta de como tinha se especializado em não conseguir dizer certas coisas. Suas emoções estavam calejadas, assim como seus pés.

O homem que dava o sinal da largada mandaria que ficassem às suas marcas... então ele se aprumou — ali, no meio da noite. Haveria o comando de preparar e em seguida o disparo. Respirou fundo e começou a caminhar de volta, no costumeiro sentido anti-horário, a direção de todas as corridas, e pensou: “A primeira volta se perde num instante de adrenalina e ressoar de passos...”

## 2. DOOBEY HALL

Doobey Hall era um desses antigos e ressonantes prédios de madeira que pareciam guardar os fluidos e as essências dos que viveram ali ao longo dos anos. Como uma velha poltrona forrada com tecido, era antiquado, mas confortável.

Assim como acontece com muitas construções que já serviram de residência para alguém, o prédio conseguia preservar certo afeto familiar em meio ao atual tumulto institucional. Os baques e os estrondos ressoavam ali de modo profundo, em vez de estalarem no ritmo seco, descontínuo, das habitações mais modernas e eficientes.

Depois de ter sido o lar do prefeito de Kernsville, Hiram “Sidecar” Doobey, e de seus vários parentes barulhentos, nos últimos anos a construção ampla e aconchegante vinha sendo usada para alojar cerca de trinta agradecidos integrantes da equipe de atletismo da Southeastern University. Situado convenientemente a duas quadras do campus, o prédio emitia, da manhã à noite, uma permanente mas imprevisível cacofonia de ganidos vagamente humanos, gritos primitivos e fragmentos desafinados de músicas populares, tudo isso vindo de um grupo singular de jovens cuja principal função na vida era correr, saltar e arremessar objetos pesados. E fazer isso muito melhor do que os seres humanos comuns. A energia necessária para lançar algo a mais de vinte metros de distância ou dar um salto de mais de dois metros de altura às vezes não podia ser contida por simples madeira ou gesso.

Paredes tremiam e coisas estranhas aconteciam ali.

O velho Sidecar Doobey — falecido havia anos — teria ficado vermelho de tanto rir. Seu apelido era fruto daqueles tempos loucos da Depressão, quando,

numa noite de sábado, por pura diversão, Doobey teria entornado três quartos de uma garrafa da bebida caseira local, apanhado sua pequenina e assustada esposa — uma gracinha de olhos grandes chamada Emma Lee —, acomodado-a no *sidecar* de sua Harley Davidson 1932 de mil e duzentas cilindradas e começado a aterrorizar o gado que pastava pelas redondezas.

— Mulher! — ele lhe teria dito. — Prepare-se para dar uma volta à noite!

Seus olhos verdes e impetuosos se fixaram nela por um momento, como se fosse uma luz.

— Irrraaa! — ela teria exclamado.

Isso não significa que Sidecar fosse exatamente um fora da lei, pois possuía a maior parte das vacas de Kalhoun County (e boa parte da terra, assim como várias hipotecas em situação de risco). Era apenas o que algumas pessoas costumam chamar de “animado”. Sidecar era um desses homens rudes e enérgicos que muito cedo na vida compreendem quais alavancas e roldanas realmente funcionam e quais são apenas figuração. E também entendeu que tudo aquilo terminaria de repente, num belo dia. Inevitavelmente, ele suspeitava.

A única vez em que se viu em algum tipo de encrenca de verdade foi certa noite quando, comportando-se como um arruaceiro, quebrou algumas cercas e (com Emma Lee guinchando como um morcego ferido) entrou rugindo pelo centro de Kernsville para “bombardear os malditos pombos”; enquanto velhos excêntricos de olhar triste observavam a cena e se divertiam, sentados em torno da praça do tribunal da cidade.

— Ah!, senhor xerife, *juro* pra você... Senhor, não sei por que às vezes fico tão malvado — disse, sinceramente arrependido, na manhã seguinte à sua prisão. Segurava a cabeça desgrenhada e latejante entre as mãos.

— Bem, papai — disse o xerife —, o pessoal está começando a falar, isso não dá para negar. — O xerife William “Boots” Doobey era seu filho mais velho. — O que eu não entendo — continuou — é por que você sempre quer levar a mamãe junto.

Sidecar empertigou-se de repente.

— Porque — grunhiu com selvageria — ela é *simplesmente louca por isso!*

O fato de, um ano depois, a cidade universitária ter elegido Sidecar prefeito talvez refletisse seu senso de humor coletivo. Ele tinha se candidatado com uma plataforma que se baseava em botar os filhos da mãe para fora, o que não deixava de ser curioso, uma vez que eram todos parentes seus. Fiel à sua palavra, ele botou os filhos da mãe para fora.

Sua eleição tinha sido, como quase tudo em sua vida, um prêmio que lhe haviam dado quase sem que pedisse. A maior mágoa do velho foi quando seu garoto mais novo, nascido quando Sidecar tinha cinquenta e dois anos e Emma Lee, quase quarenta, acabou se revelando um perfeito idiota. Boots podia ter ingressado na Academia Militar de West Point e Sheryl Ann foi escolhida rainha do Georgia Institute of Technology (antes de abandonar o curso para se casar com um zagueiro do time de futebol americano). Sidecar sentiu um golpe profundo e doloroso no peito ao ver seu caçula, na verdade quase um neto, tentando dominar os princípios básicos de funcionamento do grande trator John Deere. Quando o garoto foi passado para trás num jogo de cartas por um primo com metade de sua idade, o pai foi caminhar por suas terras, chorando de raiva.

Naquele momento Sidecar, um homem de visão ampla e amante da ironia, decidiu dar àquele menino ligeiramente atrapalhado o que faltava aos outros filhos (e algo do que, aliás, eles não faziam a mínima questão): um status acadêmico. Anos depois, esse curioso objetivo seria alcançado do modo como metas difíceis ou impossíveis costumam ser atingidas por homens de muito poder e poucos escrúpulos, ou seja, por baixo do pano. Ele doou à Southeastern University (que precisava desesperadamente de um espaço para seu recém-fundado Departamento de Entomologia) a casa que tinha ocupado por sete anos como prefeito. A oferta continha a fórmula burocrática: “Em troca de dez dólares e outras considerações de ordem legal e beneficente...” A natureza dessas outras considerações de ordem legal e beneficente era conhecida apenas pelo próprio Sidecar, por seu advogado e pelo reitor da universidade, o respeitável Steven C. Prigman, egresso da venerável Suprema Corte da Flórida. A essa altura, Emma Lee já estava havia cinco anos na sepultura e o velho Sidecar queria sair do “diabodapolíticadessacidade” e voltar a seu rancho, onde ao menos “podia bater as botas com o cheiro honesto de feno e de bosta fresca de vaca nas narinas”. Ele não mencionou que na verdade acalentava a ideia de ressuscitar sua velha e querida Harley, que enferujava no celeiro debaixo de uma lona salpicada de tinta.

Seu caçula teria de fingir frequentar a universidade, já que a concessão formal do diploma só aconteceria quatro anos depois. Sidecar ficou matando tempo pelo rancho: encheu a paciência do capataz, comprou um bosque de dois mil hectares de pecãs e finalmente foi convencido a comprar um pacote turístico para várias cidades interessantes do interior do México. Voltou fa-

lando maravilhas das propriedades regenerativas de certos destilados à base de cacto e fazendo insinuações sombrias sobre os negócios no ramo de exportação e importação.

No plano acadêmico, as coisas correram às mil maravilhas, e o velho viveu para ver o filho, aturdido e suando como um desgraçado, de beca e com o capelo na mão, avançar entorpecido ao som de “Pompa e circunstância”. Em poucos anos, Doobey Hall ficou pequena para o Departamento de Entomologia, e a equipe de atletismo, unanimemente encantada, passou a ocupá-la. Sidecar morreu pouco depois, mas dizem que ainda tentou pular do caixão a caminho do cemitério Jesus Caminha entre Nós.

O folclore em torno de Doobey era conhecido dentro e fora de Kernsville, o que explicava boa parte dos grafites espalhados pelo campus. Certo semestre, letras vermelhas e chamativas apareceram pintadas na parede do ginásio, alardeando um aviso sinistro: SIDECAR ESTÁ VIVO!

Hiram Sidecar Doobey, saudável *bon-vivant*, o terror das vacas e, acima de tudo, habilidoso com a bola, acabou se transformando numa figura onipresente nos muros daquela região do interior.

E seu último descendente, aquele da inteligência fraca, do diploma falso e da inexplicável inclinação para torturar insetos, seu filho mais novo, Dick Doobey, terminou como técnico titular do time de futebol americano.